Pandemia: porque não usar

Pandemia: reasons not to use

RESUMO:
Com a proposta de praticar um "conhecimento situado" (Haraway, 1999), este artigo chama a atenção para a necessidade de identificar a lógica de dominação implicada no uso da nomeação de pandemia para a crise de saúde sanitária de alcance mundial que estamos vivendo. Tal nomeação suaviza a desigualdade que pauta o enfrentamento da Covid-19, doença que se apresenta na forma de epidemias que têm características locais. É necessário identificar o dano que causa uma imagem midiática que ignora as diferenças que deveriam ser destacadas nos modos de enfrentamento da contaminação, e que derivam das divergentes dimensões econômicas e políticas que distinguem cada lugar onde o vírus SARS-COv-2 se instala. O uso reiterado da palavra 'pandemia' reforça o controle sobre a desigualdade que fissura a possibilidade da garantia de existência de um mundo 'pan'.

Palavras-chave: pandemia; globalização; glocal

ABSTRACT:
With the proposal to practice "situated knowledge" (Haraway, 1999), this article draws attention to the need to identify the logic of domination implied in the use of the pandemic appointment for the global health crisis we are facing. Such appointment smoothes the inequality that guides the confrontation of Covid-19, a disease that presents itself in the form of epidemics that have local characteristics. It is necessary to identify the damage that causes a media image that ignores the differences that should be highlighted in the ways of coping with contamination, and that derive from the divergent economic and political dimensions that distinguish each place where the SARS-Cov-2 virus is installed. The repeated use of the word 'pandemic' reinforces control over inequality that cracks the possibility of guaranteeing the existence of a 'pan' world.

Keywords: pandemic, globalization; glocal

HELENA KATZ
Professora do Programa em Comunicação e Semiótica e do Curso Comunicação das Artes do Corpo na PUC-SP.

Segundo Bailly (1950), quando Platão, em *Das Leis*, usou a palavra 'pandemia', referiu-se a qualquer acontecimento capaz de atingir 'toda a população'. Aristóteles também a empregava assim[1]. Foi Galeno[2] quem a adotou para identificar epidemias de grande difusão e alcance. A sua incorporação ao vocabulário médico se deu no século XVIII, no *Dictionnaire universel français et latin*, de Trévoux (1771)[3]. Em português, foi dicionarizada como termo médico por Domingos Vieira, em 1873[4].

Hoje, usamos pandemia (do grego, *pan* = tudo, todo; e *demos* = povo) para nos referir a uma doença infecciosa, que se transforma em epidemia, e se espalha por uma vasta região. A lista não é pequena, tampouco seus números. Para lembrar de algumas, podemos começar pelo HIV, que surgiu nos anos 1920, em Kinshasa, capital da República Democrática do Congo, e se disseminou no final dos anos 1970, tendo já infectado mais de 76,3 milhões de pessoas, com mais de 39 milhões de mortes (cerca de 52%), segundo a OMS – Organização Mundial da Saúde (https://www.who.int/ hiv/data/en/).

A varíola, que os colonizadores trouxeram, dizimou metade da população nativa da América Espanhola (1518). Pandemias foram produzidas por distintos vírus de gripe (em 1580, 1781, 1830-1833, 1889-1892, 1918-1919, 1957-1958, 1968 etc), de tifo (1489, 1542, 1812 etc) e de cólera (1816-1826, 1829-1851, 1863-1875, 1961-1966 etc).

O que pode existir de errado, então, no uso dessa palavra? Se lembrarmos que as palavras, além do estabelecimento dos liames necessários com as coisas que designam, fazem mais do que isso, pois também criam mundos, nossa atenção com cada uma delas não mais abandonará o estado de alerta. O nosso, é um tempo em que o uso apressado de um novo neologismo ou do jargão mais recente se impõem como uma senha, agregando os que passam a se reconhecer como pares. A rapidez com que são mobilizados nas narrativas cotidianas esvazia as suas referências habituais e, mais adiante, o que era novidade, é substituída por uma outra, com a mesma função. Apegar-se ao uso justo das palavras vai, então, se configurando como condição para evitar as ciladas que a imprecisão produz, que podem esconder o que deveria ficar exposto.

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.

A Palavra Mágica, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), em *Discurso de Primavera*

No caso do uso da palavra 'pandemia', o que se deve observar é que ela distende, em um arco abrangente e suave, arestas e reentrâncias que precisam ser mantidas crispadas, para que não sejam ignorados os abismos de desigualdade que nelas estão contidos. Para ler com mais acuidade o que vivemos agora, quando já se anuncia um cotidiano pautado pela re-contaminação, é indispensável buscar por nomeações que cumpram o seu papel: apresentar com precisão as coisas a que se referem, com tanta acuidade que não possam ser associadas com outras, para que possam ser identificadas por especificidades jamais borradas por generalizações. Afinal, se são as especificidades que distinguem uma coisa da outra, elas precisam se manter muito bem delineadas. O risco de não cuidar do rigor das nomeações permite que o ato de nomear se preste para outros fins, dos quais cabe desconfiar, e para esse risco, não podemos desativar os alarmes jamais. Afinal, é o nomear que permite a construção de uma narrativa. Justamente por isso, há que atentar para o risco de narrativas que estabilizem as fricções que devem permanecer pinicando.

Hoje, por exemplo, estamos associando, em uma única palavra, duas situações distintas. Uma, é a ação, de alcance 'pan', do coronavírus SARS-CoV-2, que causa a doença Covid-19, e que contamina regiões distintas do mundo e mata cidadãos em todas elas, pois as suas mutações não estancam a sua proliferação, nem tampouco, parece, uma possibilidade de re-contaminação; e a outra, diferente desta, é a condição para que isso ocorra, e essa condição não é 'pan', mas estritamente local, pois se estabelece de formas distintas, relacionadas às características das políticas de saúde e da situação da desigualdade social de cada ambiente no qual age.

Quando se fala em pandemia, não fica dito, em primeiro plano, que os tipos de condição de produção das mortes e da contaminação não são os mesmos em cada um dos lugares nos quais o coronavírus SARS-CoV-2 produz seus milhares de mortos. Aliás, relatar a pandemia adotando

o critério numérico para dimensionar os seus danos obscurece essa questão fundamental, pois se as condições para a ação do vírus são distintas, os números resultantes precisam estar em molduras que evidenciem a proporção da desigualdade dessas condições, que de relacionam com a ação das políticas de saúde de cada local. Segue um exemplo, usando números: a Organização Mundial da Saúde (OMS), antes do SARS-CoV-2 se instalar, mostrou dados que revelavam que o Brasil tinha a maior população do mundo com ansiedade, configurando uma epidemia local por reunir 18,6 milhões de pessoas (9,3% da sua população). Ou seja, quando a Covid-19 passou a agir aqui, essa situação já existia e nos caracterizava, e foi esse gigantesco segmento, já fragilizado, que aumentou em 80%, no Brasil, segundo dados da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj), publicados na versão online da revista científica Lancet (sciencedirect.com)[5], no início da quarentena obrigatória (Mesquita e Neves, Folha de S. Paulo, 21/08/2020, B3). Evidentemente, a combinação de uma ansiedade tão expandida na população com a necessidade do isolamento social não é inócua e não pode ser ignorada como um traço que compõe condições que diferenciam localmente a ação do vírus, tonalizando o fenômeno de alcance mundial.

Continuar a reproduzir a palavra pandemia sem uma reflexão crítica sobre a força do 'pan' que ela traz, reúne e apaga, de forma danosa, as características tão distintas que des-identificam os tantos países hoje contaminados pela Covid-19. Continuar a chamar apenas de pandemia à ação desta doença, traça uma linha sem as descontinuidades e sem as fendas que desenham as distintas violências do seu percurso, embolando o aqui com o lá. Além disso, cria um objeto inexistente (a pandemia como sendo um monolito do tamanho do mundo), que não mostra que, na verdade, se trata de um agregado composto de partes muito diversas (os distintos lugares atingidos pela mesma doença), e não um todo sem relevos.

Esses tantos lugares não guardam uma semelhança que permita uma reunião que apague a profundidade das suas diferenças, reguladas por índices, taxas e percentuais de saúde, educação, desigualdade e racismos bastante distintos. Quando se sabe que, no Brasil, cerca de 100 milhões de habitantes não têm rede de esgoto (47%), e cerca de 35 milhões não têm água potável (16%)[6], tais números explicitam um tipo de condição bem específica para uma ação contra a Covid-19, que vai se diferenciar de qualquer outro lugar sem estas mesmas cifras.

Estudos populacionais realizados em epidemias anteriores (H1N1, SARS) explicitaram o peso que a desigualdade tem na taxa de transmissão e no grau de severidade de ação de vírus (Pires; Carvalho; Xavier, 2020). Estamos em um país, no qual ela vem sendo tecida ao longo da sua história colonial de exploração e de suas práticas de escravidão, com a indiferença social com os pobres e com a pobreza, e com a manutenção do patrimonialismo[7], como um valor associado à cidadania.

> E no Brasil as desigualdades têm raça, cor e etnia, pois é um país estruturado pelo racismo... Negras e negros estão mais representados nos indicadores negativos, como atividade no mercado de trabalho informal, que limita o acesso a direitos básicos como a remuneração pelo salário mínimo e a aposentadoria. Por outro lado, são os brancos que apresentam o maior rendimento médio domiciliar per capita, superando quase duas vezes o da população negra – R$ 1.846 contra R$ 934 (IBGE, 2019, in GOES, RAMOS, FERREIRA, 2020)

Vale lembrar da Gripe Espanhola, que matou certa de 35 mil brasileiros, para trazer um dado fundamental: esta epidemia foi fortemente marcada por preconceito, em um momento em que negros lutavam pela mudança das narrativas sobre a escravidão (MEDEIROS e SILVÉRIO, 2020). Na época, os negros eram apontados como causadores de "doenças negras" (DALL'AVA, 2015, in MEDEIROS e SILVÉRIO, 2020), como os que agravavam as precariedades sanitárias existentes, sendo, portanto, desordeiros e perigosos (SILVA, 2017, in MEDEIROS e SILVÉRIO, 2020).

A ação da COVID-19 desnuda também uma outra característica, que não pode permanecer velada, pois ata a desigualdade com o racismo. Cabe lembrar que mais da metade da população brasileira é negra[8], e vive uma "segregação residencial racial, onde negras e negros residem às margens, nas franjas das cidades" (Goes, Ramos, Ferreira, 2020). Nestes lugares, com condições adversas à saúde, seus moradores ficam expostos a fatores de risco que os vulnerabilizam para a contaminação.

> Williams e Collins (2001) consideram a segregação residencial racial uma causa fundamental das disparidades raciais em saúde, pois é uma das principais causas das desigualdades em relação ao status socioeconômico, determinando o acesso a educação, emprego e oportunidades. Os bairros segregados em que as pessoas negras são alocadas as impedem de acessar recursos e bens, além de promover seu controle político e sua exploração econômica (Kilomba, 2019). Segundo o mapa racial do Brasil, as cidades como Porto Alegre (RS), Vitória (ES), São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG) e Salvador (BA) figuram entre as cinco cidades do país mais segregadas racialmente (Mariani et al., 2019). Entre elas, São Paulo é considerada o epicentro da epidemia no país (GOES, RAMOS, FERREIRA, 2020)

A ação e o alcance de uma epidemia depende dos recursos que cada país mobiliza para a saúde pública, do tipo de seletividade social que pratica com o seu projeto de governo, da proporção da desigualdade da exposição da sua população aos riscos, da força das suas instituições democráticas, do modo como mecanismos específicos e variados são continuamente gerados para preservar, de forma duradoura, a associação entre posição socioeconômica e saúde (SANTOS, 2020)

Cabe sempre distinguir, ao usar a palavra 'pandemia', que ela agrega dois traços que

necessitam permanecer sempre demarcados: que se trata de uma doença viral que infecta ambientes muito diferentes e que ela tem alcance internacional. Repare novamente no 'pan' dessa palavra, em como ele materializa uma falsa equivalência entre lugares de características distintas, que não podem ser juntados porque as suas condições de vida e saúde os apartam nas suas discrepâncias profundas, que se manifestam, inclusive, nas maneiras de lidar com uma mesma doença. Uma coisa é simplesmente continuar a usar 'pandemia', e outra é reconhecer que uma mesma doença infecta povos diferentes, pessoas diferentes, culturas diferentes, regiões diferentes, e que o que ela promove é uma crise sanitária de proporção global e atuação local. Esta crise é produzida por uma contaminação veloz e ampla, mas as condições para que essa contaminação exista e prolifere depende das condições específicas de cada local. O tipo de dano que o vírus promove pode ser o mesmo, em termos clínicos, mas o modo como esse dano se manifesta se vincula ao particular de cada local. Ou seja, os danos deixam de poder serem vistos, lidos e chamados de "os mesmos".

Sobre o uso das palavras, segundo Garcia-Roza (1990, p.3), na Grécia arcaica, "A palavra, juntamente com as condições de sua enunciação, não valia apenas pelo seu sentido manifesto, mas como signo a ser decifrado para que um outro sentido, oculto e misterioso, pudesse emergir, num interminável de decifrações".

Conserto a palavra com todos os sentidos em silêncio
Restauro-a
Dou-lhe um som para que ela fale por dentro
Ilumino-a

Ela é um candeeiro sobre a minha mesa
Reunida em uma forma comparada à lâmpada
A um zumbido calado momentaneamente em exame

Ela não se come como as palavras inteiras
Mas devora-se a si mesma e restauro-a
A partir do vômito
Volto devagar a colocá-la na fome

Perco-a e recupero-a como o tempo da tristeza
Como um homem nadando para trás
E sou uma energia para ela

E ilumino-a

Conserto a palavra, de Daniel Faria (1971-1999), em **Homens que são como Lugares Mal Situados** (1998)

PANDEMIA E GLOBALIZAÇÃO

O 'pan', da pandemia, carrega alguma sintonia com o 'global', da globalização. Segundo Peter L. Berger (2004, p.12), a palavra 'globalização' havia ganho um peso emocional, ao ser apresentada como o caminho para o desenvolvimento, a "promessa de uma sociedade civil internacional, levando a uma nova era de paz e democratização". Mas ela significava também "a ameaça de uma hegemonia econômica e política americana, com a consequência cultural sendo um mundo homogeneizado, semelhante a uma Disneylândia em metástase".

Tanto da promessa quanto da ameaça, colhemos impasses sociais e políticos, incluindo a vulnerabilização da soberania nacional. O número de pessoas que passam fome voltou a aumentar, segundo o relatório lançado por cinco agências da ONU (Estado da Insegurança Alimentar e Nutricional no Mundo em 2019). Em 2018, 821,6 milhões de pessoas passavam fome (insegurança alimentar severa), ou seja, uma em 9 pessoas, mas se a esse dado se juntar outro, que mede quem não tem acesso estável a alimentos nutritivos (insegurança alimentar moderada), a FAO diz que a fome atinge 2 bilhões de pessoas. Tal cifra expõe o insucesso de um projeto que prometia uma era de paz e prosperidade para todos. A globalização se refere ao estágio do capitalismo no qual a diminuição das distâncias favoreceu o estreitamento das relações econômicas, sociais, culturais e políticas entre países muito diferentes, e isso foi facilitado pelo que a tecnologia promoveu nos sistemas de comunicação e de transporte. Mas o encurtamento das distâncias só foi capaz de produzir uma pseudo-integração, pois se deu na forma de dominação dos mais pobres. Afinal, tanto na economia quanto na cultura, os interesses e os valores que passaram a valer foram os dos centros de poder, ou seja, dos países mais ricos. A pilhagem das riquezas naturais e das culturas locais não poderia mesmo promover consequências que não fossem o enfraquecimento e a instauração da desigualdade como o termômetro balizador do sucesso da globalização.

Há autores (Braudel, 1997; Silva e Lopes, 2008) que defendem que a prática europeia marítimo-mercantilista do final do século XV e início do XVI já era um rascunho da globalização,

no modo como expandia o capitalismo. E há mesmo uma certa similaridade daquele tempo com, por exemplo, a ação das empresas transnacionais de agora (a matriz é de um país rico, mas a produção vai acontecer em países que oferecem vantagens fiscais, o que geralmente ocorre em países pobres). Elas 'invadem' países, pensando-os como mercados consumidores, indo em busca de isenção de impostos e de tarifas alfandegárias e, sobretudo, de matéria prima e mão de obra baratas.

Os enormes lucros que essas empresas obtêm ficam com elas mesmas, e isso cria uma relação desproporcional, que tende a gerar uma brutal concentração de riqueza: eis a estrutura que sustenta a desigualdade que nutre a globalização. A sua falsa promessa de integração mundial se desnuda, revelando que o 'global' que compõe a palavra 'globalização' tem também uma função apaziguadora: garante a possibilidade de uma horizontalidade, como que se todos fôssemos mesmo parte de um mesmo mundo, e empurra a violência que a globalização instaura para baixo do tapete, tentando esconder os danos que produz.

O desconforto com a impossibilidade de uma globalização se manifesta também na necessidade de propor uma outra forma de nomear esse fenômeno. A proposição de que não seria global, mas 'glocal', já explicita a necessidade de abandonar o aceno para um mundo enredado, como se o enredamento pudesse simplesmente atar sem oprimir, pilhar, explorar. Ao escancarar que a operação é sempre entre o global e o local, o 'glocal' avança no quesito que cuida da justeza do ato de nomear. Para expor o falseamento promovido pelo 'pan' da pandemia, ainda não inventamos uma outra maneira de nomear, sintética e auto-explicativa como o 'glocal'. Precisamos de uma palavra que não esconda a relevância da desigualdade no alcance mundializado da contaminação do vírus SARS-COv-2, uma vez que não se trata de uma pan-doença, que atinge igualmente a todos. De fato, não existe um 'todos' que faça parte de algo que possa ser chamado de 'mesmo mundo'. Não há consenso sobre a origem desse termo, o 'glocal'. Uns dizem que foi Akio Morita, então presidente da Sony, quem cunhou 'glocalização', na década de 1980, nomeando uma estratégia mercadológica japonesa. Glocalização viria da palavra *dochakuka*, que é derivada de *dochaku*, que quer dizer algo como 'o que vive em sua própria terra", referindo-se à adaptação das técnicas de cultivo da terra às condições locais (LOURENÇO, https://doi.org/10.4000/mulemba.203).

O *The Oxford Dictionary of New Words* confirma que 'glocal' aparece na década de 1980, referindo-se ao processo de "fazer uma mistura entre o global e o local". Roudometof (2020) registra que Manfre Lange, então chefe do German National Global Change Secretariat, a empregou em 1990. E o sociólogo Roland Robertson se tornou conhecido por propor que o conceito de "glocalização" teria o mérito de restituir à globalização a sua realidade multidimensional. Já Eugênio Trivinho, professor no Programa em Comunicação e Semiótica, da PUC-SP, distingue

o contexto glocal da condição glocal, explicando que entre eles existe somente a separação temporal entre diacronia de sincronia, "e de função social-histórica e tecnocultural, e não de natureza e desdobramento autopoiético" (TRIVINHO, 2013, p. 32).

> A condição glocal designa a configuração social-histórica de longa duração (sem horizonte anunciado para ocaso) em que a vida contemporânea mergulhou desde o surgimento da primeira máquina capaz de tempo real, de seu desenvolvimento diferenciado, de sua sofisticação progressiva e enraizamento na vida cotidiana (da esfera da produção à do tempo livre e de lazer) a partir de todas as modalidades de apropriação multilateral, para fins sociais, cultu- rais, políticos e econômicos e, consequentemente, depois que a promiscuidade entre cérebro e telas e a *mélange* entre imaginário individual e *imagèrie* das redes se converteram em *modus vivendi* e *ha- bitus* social. (TRIVINHO, 2013, p. 31)
>
> O contexto glocal corresponde ao modo pelo qual, na dinâmica cotidiana das relações sociais, a condição glocal da história se autorratifica diuturnamente no âmbito das práticas em rede – *práticas glocais* (de sociabilidade, de articulação política, de aprendiza- gem, de entretenimento, de consumo, etc.) (ibidem, p.32)

Para ele, o glocal reordena tudo, dada a "magnitude da sua abrangência", sendo "a destinação social-histórica do presente", um fenômeno que regerá, com o seu hibridismo entre o presencial e a desterritorialização que as mídias promovem. Ou seja, nada escaparia a essa hibridização entre o local e o global.

> O glocal comparece *invisivelmente*, invariavelmente, ali onde o *global* das redes comunicacionais, representado por seus fluxos de conteúdo, jorra no e para o *local* em que o ente humano se situa, âmbito representativo da prontidão para acessar/receber/responder/ distribuir; e, vice-versa, aparece também ali onde o local, assim configurado, se projeta para a ordem global, nos termos postos. (TRIVINHO, 2013, p. 28)

Segundo Trivinho (2013, p.40), trata-se de uma hibridização, que "rearticula e reescalona, às últimas consequências (a se perder de vista em culminâncias ulteriores), todas as demais misturas existentes", entre as quais ele lista a do "público e privado, coletivo e individual, interno e externo, próximo e longínquo, familiar e heterodoxo, imaginário e real, verdade e ficção, masculino e feminino, e pares polares semelhantes". Destaca que há uma ruptura com binarismos e dicotomias, e que "a categoria do glocal constitui, no fundo e antes de tudo, *instrumento de percepção sine qua non* em prol da renovação epistemológica consistente da crítica socialmente orientada" (2013, p.39).

Mas, antes de celebrar o uso de 'glocal' como a solução para a impropriedade de sustentar a existência de uma globalização horizontalizada, acelerada pela capilaridade da comunicação que a internet possibilita aos indivíduos, às empresas e aos países, será necessário atentar que, nesse conceito, também existem duas situações a serem distinguidas, tal como no uso da palavra 'pandemia'. E elas, no caso do 'glocal', são as seguintes: é preciso considerar o tipo de hibridização

da globalização do local, sem confundir com o da localização do global, uma vez que cada qual tem distinta regência das condições sócio-econômico-políticas para que possam ocorrer. Além da distinção entre o movimento do global no local e a ação do local no global, tendo como moldura a condição epistêmica do geral operar no particular, que não é a mesma do particular operar no geral, é indispensável lembrar que essas duas operações dependem das especificidades sócio-econômico-políticas que as permitem/conduzem/impedem. Ou seja, a relação entre local e global em contextos coloniais difere da de outros, não-coloniais, inviabilizando que se veja o glocal sem este tipo de consideração. E esse traço aproxima o que sucede com o emprego de glocal do que ocorre com a nomeação de pandemia.

Sem misturar a globalização do local com a localização do global, pode-se atentar para o fato de que a proposta hibridização que gestaria o 'glocal', ao que tudo indica, se aproxima mais de um tipo de relação entre o que antes não 'se encostava', produzindo transformações em ambos. Assim, aquela aldeia que foi, pouco a pouco, encurtando as distâncias com o que lhe era exterior, por conta dos avanços das tecnologias que iam surgindo, passou a conviver com os efeitos da instantaneidade que a vida digital instaurou. A 'aldeia global' que McLuhan descreveu em 1959, e publicou em 1962, no seu livro *A Galáxia de Gutenberg*, vai nascendo da velocidade da comunicação e na crescente ampliação de seu uso, que, mais adiante, passa a conectar, em tempo real, o que estava separado geograficamente. O mundo *on line* atualizou, no contexto da tecnologia que o sustenta, o que já unia os avanços tecnológicos que o antecederam.

No entanto, a possibilidade de um contato em tempo real também necessita ser colocada no contexto que distingue a localização do global da globalização do local. As operações que poderiam viabilizar que o global se localizasse, e que o local se globalizasse, esbarram no que distingue características gerais de características particulares, e nas especificidades das condições sócio-econômicas-políticas de cada lugar. Cada qual, tanto o local quanto o global, cultivam o conjunto de traços que os singularizam, mas o fato de agora se relacionarem com a frequência e a intensidade que antes não existia na sua comunicação, essa intensificação produz algo, mesmo que não seja a hibridização. Afinal, se o contato com a informação transforma os corpos nela envolvidos, nem um e nem o outro poderiam haver se mantido fora da mudança que continua em curso.

A força e a importância do 'glocal' está na formulação de que se trata da contaminação entre duas naturezas distintas, a do geral e a do particular, que, assim, não mais de mantêm as mesmas. Chamar a essa contaminação de hibridização tende a apagar as arestas que precisam se manter visíveis. A hibridização, frequentemente entendida como o processo de produção de algo misturado, de certa maneira, não evidencia o fluxo de transformação constante que a contaminação contém. A contaminação explicita uma transformação inestancável, sem resultado que não seja transitório ecircunstancial.

Lembremos que, na globalização, os países periféricos permanecem excluídos do contexto político e legal, e são impossibilitados de pertencer aos grupos sociais hegemônicos, aqueles que se autoproclamam como reduto dos únicos que são capazes de produzir conhecimento. Para manter o poder, a relação com os subalternos é a de lhes atribuir um conjunto de características negativas, salvaguardando somente alguns de seus traços, habitualmente os que forem os mais 'típicos' daquele lugar, e que, assim, possam identificar aquele local 'exótico'. Exemplo: chamar o Brasil de país do Carnaval, como se toda a complexidade que nos tece não interessasse, e que valêssemos somente como o país da festa carnavalesca que, por sua vez, também não é vista nas muitas camadas que a constituem, mas sim com o olhar superficial que lhe atribui como característica a permissividade de costumes. Trata-se sempre de uma operação metonímica, essa que enuncia algo como típico ou exótico, isto é, de uma operação que elege somente uma parte, e a faz valer como se fosse o todo.

Não à toa, Boaventura Sousa Santos (2003) escreve sobre Próspero (o moderno, o desenvolvido) e Calibã (primitivo, selvagem, subdesenvolvido), ressaltando que "quem tem poder para declarar a diferença, tem poder para declará-la superior às outras diferenças em que se espelha" (SOUSA SANTOS, 2003, p. 30).

Um mundo que funciona assim ainda se pensa dentro de uma globalização que costura, sem atentar para nenhuma especificidade, lugares muito diversos e distintos. E a palavra 'glocal', nascida para dizer de um enredamento entre global e local que os hibridiza, não dá a devida visibilidade para a violência que nutre a relação entre os dois e impede acordos que beneficiem com equidade as duas partes envolvidas. A desigualdade entre os que exploram e os que são explorados, que está escondida na palavra globalização, se torna, ela mesma, um alerta para a impossibilidade de existência de um glocal híbrido capaz de resolver essa tensão. Exatamente, por isso, a tensão e a violência necessitam estar mais expostas.

Uma operação semelhante está também presente na palavra 'pandemia', que, a seu modo, tenta equivaler a globalização do local e a localização do global: o pan, tanto globaliza a doença (a Covid-19 contamina aqui e no mundo todo), quanto a localiza (a Covid-19 está em todos os lugares, e também aqui).

Em um tempo no qual o digital não cessa de mudar o entendimento de presença, desmontando a dependência da geografia e montando outros tipos de cotidianos e de hábitos cognitivos, 'local' e 'global' também ganharam outros entendimentos. Desde que as telas se tornaram o ambiente no qual todos os lugares podem se encontrar, as noções geográficas de lugar se transformaram.

Neste agora no qual estamos adubando outros jeitos de viver, de conviver e de viver com, fica cada vez mais evidente a inadequação de apagar as diferenças entre as condições de cada

país lidar com a saúde e a doença. A sugestão é a de substituir a palavra 'pandemia' pelo que descreve melhor o que está ocorrendo, e passar-se a dizer que vivemos uma crise sanitária de alcance internacional. A palavra 'crise', com todas as rachaduras e abalos que põe em relevo, se aproxima mais da convulsão que se estabeleceu do que a promessa de apaziguamento da ação niveladora escondida no 'pan', de pandemia.

Não constitui mais novidade a força do que o capitalismo captura e consagra, como se vê, tanto no caso do sucesso da difusão da proposta de globalização, como no do novo mantra, a 'pandemia'. As palavras podem inventar mundos perversos, por isso precisamos zelar para que digam bem o que estão a nomear. "A linguagem, como um dia soubemos, não se limita a nomear, ela também confere existência à realidade: ela é um ato de evocação por meio de palavras" (MANGUEL, 2008, p.18).

Pode parecer pouca coisa, mas é no pequeno que os afetos podem enlaçar mais as pessoas no desejo de construir tempos mais justos.

Como escreveu Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), a primeira mulher a receber o Prêmio Camões, em 1999, com fúria e raiva, no **O Nome das Coisas** (1977),

Com fúria e raiva acuso o demagogo
E o seu capitalismo das palavras

Pois é preciso saber que a palavra é
Sagrada
Que de longe muito longe um povo a
Trouxe
E nela pôs a sua alma confiada

De longe muito longe desde o início
O homem soube de si pela palavra
E nomeou a pedra a flor a água
E tudo emergiu porque ele disse

Com fúria e raiva acuso o demagogo
Que se promove à sombra da palavra
E da palavra faz poder e jogo
E transforma a palavra em moeda
Como fez com o trigo e com a
Terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*, 16ª ed., Paris: Lib. Hachette, 1950.

BERGER, Peter L. e HUNTINGTON, Samuel P. *Muitas Globalizações. Diversidade Cultural no Mundo Contemporâneo.* Rio de Janeiro: Record, 2004.

BRAUDEL, Fernand. *En Torno al Mediterraneo*, Barcelona: Ediciones Paidós, 1997.

DAUZAT, A.; DUFAOIS. J., MíITTERRAND, *Nouveau dictionnaire étymologique et historique,* 3ª ed., Paris: Larousse, 1964.

DRUMMOND de ANDRADE, Carlos. *A Palavra Mágica*, em Discurso de Primavera e algumas sombras. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FARIA, Daniel. *Conserto a Palavra*, em Homens que são como lugares mal situados. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2016.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Palavra e Verdade.* São Paulo: Zahar, 1990.

GOES, Emanuelle F.; RAMOS, Dandara O.; FERREIRA, Andrea J. F. *Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19.* Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020, e00278110. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00278

HARAWAY, Donna. *La promesa de los monstruos. Una politica regeneradora para otros inapropriados/bles.* In Politica y Sociedad, n.30, Enero de 1999.

LIDELL, H.G.; SCOTT R. *A greek-english/exicort,* 9ª ed., Oxford: Claredon Press, 1983.

LOURENÇO, Nelson. **Globalização e glocalização. O difícil diálogo entre o global e o local, em journals. openedition.org (**https://doi.org/10.4000/mulemba.203).

MANGUEL, Alberto. *A Cidade das Palavras. As histórias que contamos para saber quem somos.* São Paulo: Companhia das Letras, 20018.

MEDEIROS, Priscila Martins e SILVÉRIO, Valter Roberto. *Boletim pandemia e mundo social: notas sociológicas sobre racismo, diáspora e dinâmicas sociais restritivas*, Sociologia na Pandemia #3, 04/05/2020, em http://www.ppgs.ufscar.br/sociologia-na-pandemia-3/

MESQUITA, Lígia e NEVE, Lucas. *Psicanalista diz que pandemia acentua e cura patologia mental*, em Folha de S. Paulo, B3, 21/08/2020.

OMS–Organização Mundial da Saúde (https://www.who.int/hiv/data/en/)

PIRES, Luiza Nassif; CARVALHO, Laura; LIMA XAVIER, Laura. *COVID-19 e desigualdade: a distribuição dos fatores de risco no Brasil*. Ondasbrasil.org, abril 2020.

REZENDE, Jofre Marcondes de. *Epidemia, Endemia, Pandemia. Epidemiologia*, em Revista de Patologia, vol.27 (1) p.153-155, jan-jun 1998.

ROUDOMETOF, Victor N. *Glocalization*, modificado em 15 de janeiro de 2020, em oxfordbibliographies.com.

SANTOS, José Alcides Figueiredo. *Desigualdades e Interações de Classes Sociais na Saúde no Brasil*. Dados vol.63 no.1, Rio de Janeiro, 2020 https://doi.org/10.1590/001152582020203

SILVA, Lemuel Rodrigues da; LOPES JR., Orivaldo Pimentel. *Globalização – de sua gênese mercantilista ao neoliberalismo burguês,* em Revista Eletrônica Inter-Legere, nº 3, jul-dez 2008.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. *Entre Próspero e Caliban: colonialismo,a pós-colonialismo e inter-identidades*. São Paulo: Cebrap, 2003.

The Oxford Dictionary of New Words: A popular guide to words in the news. Oxford University Press, 1991.

TRIVINHO, Eugenio. *A Civilização Glocal: repercussões social-históricas de uma invenção tecnocultural fundamental do capitalismo tardio*, em Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, vol.10, n.19 (10), p.26-41, 2013.

VIEIRA, Frei Domingos. *Grande diccionario portuguez ou Thesouro da lingiia portugiieza*. Porto: Ernesto Chandron e Bartholomeii H. de Moraes, 1871-1874.

[1] Segundo Rezende (1998), a referência está em Bailly, A., no *Dictionnaire grec-français,* 16ª ed., Paris: Lib. Hachette, 1950.

[2] Rezende (1998) localiza esta referência em Liddell, H.G. e Scott R., no *A greek-english /exicort, 9ª* ed., Oxford: Claredon Press, 1983.

[3] Joffre Marcondes de Rezende (1998) quem atesta isso é Dauzat, A., Dufaois. J., Mítterrand, R., no *Nouveau dictionnaire étymologique et historique,* 3ª ed., Paris: Larousse, 1964.

[4] Joffre Marcondes de Rezende (1998) indica que a referência está em Vieira, Frei Domingos. *Grande diccionario portuguez* ou *Thesouro da lingiia portugiieza*. Porto, Ernesto Chandron e Bartholomeii H. de Moraes, 1871-1874.

[5] Esta pesquisa refere-se ao comportamento de 1.460 brasileiros, entrevistados entre 20 de março e 20 de abril de 2020, abrangendo 23 Estados.

[6] Dados referentes à 2018, do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), recém-divulgados.

[7] O patrimonialismo é uma herança colonial. Súditos pessoais do rei de Portugal administravam as suas propriedades e eram recompensados por seus serviços, a critério do rei. Classificado por Max Weber como pré-moderno, o patrimonialismo se instala por laços pessoais ou privados, e constitui uma estrutura assimétrica de direitos e deveres, que sustenta uma cultura de privilégios e leva o Estado a tratar de forma diferenciada os cidadãos.

[8] 13,6 milhões de pessoas vivem em favelas e 67% delas são negras, segundo *O Brasil com baixa imunidade: balanço do Orçamento Geral da União*, documento divulgado pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos em 2019 (MEDEIROS e SILVÉRIO, 2020).